



MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER

# **SANTIDADE**

## **CHAMADO À HUMANIDADE**

Reflexões sobre a Exortação Apostólica  
*Gaudete et Exultate*



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Bingemer, Maria Clara Lucchetti

Santidade : chamado à humanidade : reflexões sobre a exortação apostólica : Gaudete et Exsultate / Maria Clara Lucchetti Bingemer. -- São Paulo : Paulinas, 2019. -- (Coleção ecos de Francisco)

Bibliografia.

ISBN 978-85-356-4518-7

1. Cristianismo 2. Francisco, Papa, 1936- 3. Igreja Católica  
4. Santidade 5. Vida cristã I. Título. II. Série.

19-26003

CDD-248.8

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Santidade : Vida cristã 248.8

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª edição – 2019

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e João Décio Passos*

Copidesque: *Ana Cecilia Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Equipe Paulinas*

Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*

Projeto gráfico: *Manuel Rebelato Miramontes*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Imagem capa: *@Iakov/depositphotos.com*

---

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

---

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2019

# Sumário

Introdução .....	7
1. A alegria como primeiro sinal .....	9
2. Clareando alguns conceitos antes de prosseguir .....	13
3. O santo: uma testemunha .....	21
4. A santidade primordial .....	25
5. A santidade “anônima” .....	31
6. O chamado e a missão: a todos e a cada um em particular (o Reino de Cristo) .....	37
7. Santidade e teologia da vida cristã .....	43
8. O desafio de ser “de Deus” no meio “do mundo” .....	49
9. Santidade: o destino de todo batizado .....	53
10. O santo: perito em humanidade .....	63
11. As duas tentações permanentes da santidade .....	73
12. Santidade: o desafio da alteridade e da solidariedade .....	87
13. Santidade: o caminho das bem-aventuranças .....	93
14. Santificação = cristificação .....	105
15. Os santos que o mundo de hoje necessita e pede .....	119
Conclusão	
O infundável caminho do discernimento .....	133

# Introdução

Segundo a Bíblia judaica, só Deus é santo e a ele não se pode ver sem morrer. No Novo Testamento, Jesus Cristo é proclamado o Santo de Deus, ou seja, aquele sobre quem repousa a santidade divina. Com sua morte e ressurreição, é derramado sobre toda carne esse Espírito de Santidade. E os seguidores de Jesus são chamados a dar diante do mundo o testemunho dessa santidade que é divina e ao mesmo tempo dada ao ser humano como dom. Pela inibição do Espírito Santo, a santidade passa a habitar o ser humano e, assim, se encontra acessível a todos e todas que seguem a Jesus e vivem como ele e em comunhão com ele e seu Pai.

A santidade, portanto, é o destino e a meta da vida de todo cristão. Baseado nesta convicção, o Papa Francisco escreve sua exortação apostólica *Gaudete et Exsultate* – “Alegrai-vos e exultai”. Deseja ele que vivamos plenamente aquilo que o Senhor nos propõe: uma vida que não se contente com a banalidade, a mediocridade ou a indecisão (cf. GE 1). Uma vida plena, ali onde estamos, no tempo e espaço que ocupamos. É ali que somos chamados a fazer nossas escolhas, respondendo aos desafios que nos são feitos. E ouvindo e respondendo aos chamados de Deus que nos chegam no momento da história que nos toca viver.

Longe de escrever um tratado sobre a santidade, o que pretende o papa é apenas uma coisa: que o chamado à santidade ressoe uma e outra vez no mundo de hoje, fazendo entender que ser santo é, na verdade, ser profunda e radicalmente humano: criado, redimido e santificado por Deus em seu amor infinito (cf. GE 2).

# 1. A alegria como primeiro sinal

A primeira chave de leitura para compreender a visão da santidade que nos dá Francisco já aparece no título mesmo da exortação: “Alegrai-vos e exultai”, citação literal de Mt 5,12. Trata-se da expressão usada por Jesus no Evangelho de Mateus em pleno Sermão da Montanha e na proclamação das bem-aventuranças. Ao descrever quem são os verdadeiramente felizes, bem-aventurados e que, portanto, devem viver na alegria – os pobres, os mansos, os pacíficos, os misericordiosos, os perseguidos por causa da justiça –, Jesus acrescenta que, ao viver as consequências dessas bem-aventuranças, que normalmente não seriam motivo algum de alegria, devem “alegrar-se e exultar”. Por quê? Porque participam da santidade de Deus e seu Cristo, que encarna tudo aquilo que recomenda viver.

A alegria é, pois, a marca da santidade. Alegria que não depende de bens materiais, satisfações imediatas ou recompensas humanas. Alegria que pode dar-se mesmo em meio às perseguições e tribulações. A exortação do capítulo 5 de Mateus aponta a alegria como estado de espírito, mesmo daquele que é perseguido e humilhado por causa de Jesus.

O Mestre diz que o que acontece nas perseguições e que parece uma desgraça aos olhos de todos é, na verdade, uma graça imensa, um divino privilégio. E, por isso, é preciso alegrar-se. Alegrar-se por passar por situações que foram as mesmas circunstâncias vitais vividas pelo Senhor a quem amam e desejam seguir. Alegrar-se porque, não tendo nada a perder, já que tudo deixaram para segui-lo, só poderão ganhar.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Como diz o compositor popular brasileiro Edu Lobo, em sua bela composição “Aleluia”: “Mesmo com a morte esperando/ Eu me largo pro mar,

Um autor francês do século XX, Gilbert Cesbron, entre seus inúmeros romances e obras literárias, escreveu uma peça de teatro sobre a vida do grande teólogo, organista, filósofo e médico alemão Albert Schweitzer.<sup>2</sup> Nesta, escreve um diálogo que parece definir bem o conceito de alegria, tal como o concebe o Cristianismo e tal como o papa o apresenta nessa exortação.

A cena se passa em plena selva de Lambarene, República dos Camarões. É já noite alta. O Doutor Schweitzer está diante de sua jovem enfermeira Marie, uma francesa que generosamente o acompanhou até a África, mas agora deseja voltar à França, pois percebe que sua vida se esvai naquela doação sem fim e sem retorno. Ela crê que é hora de buscar sua felicidade. O médico que tudo deixou na Europa, inclusive a família, para ir à África cuidar dos necessitados, lhe responde: “Estamos em plena selva, em plena noite e eu vou lhe contar um segredo que levei anos para descobrir. A felicidade não existe. E se existe e você é digna dela, você compreenderá que não tem direito a ela se não assumir parte do fardo de dor que pesa sobre os ombros da humanidade. É então que você abandona a felicidade em troca da alegria”.<sup>3</sup>

Desta alegria se trata. Não aquela euforia que a sociedade hoje procura apresentar como o ponto máximo da aspiração humana, feita de possuir, consumir, desfrutar sem cessar. A alegria não é sinônimo da felicidade, tal como é entendida hoje. Pode conviver com o sofrimento, com a dificuldade.

---

eu vou/ Tudo o que eu sei é viver/ E vivendo é que eu vou morrer/ Toma a decisão, aleluia/ Lança o teu saveiro no mar/ Quem não tem mais nada a perder /Só vai poder ganhar”.

<sup>2</sup> <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Albert\\_Schweitzer](https://pt.wikipedia.org/wiki/Albert_Schweitzer)>. A peça de Cesbron se intitula “Il est minuit, Docteur Schweitzer”, de 1952.

<sup>3</sup> Gilbert Cesbron, “Il est minuit Dr. Schweizer”.

Alimenta-se da comunhão, com Deus e com o outro; é configurada pelo gozo da presença do Senhor que dá sentido à vida e pela responsabilidade assumida diante do próximo mais vulnerável e necessitado.

Esta é a chave que abre a porta para o documento que temos em mão: o chamado do Senhor que nos escolheu a cada um “para sermos santos e íntegros diante dele, no amor” (Ef 1,4; cf. GE 2). Porque – Francisco repetirá mais de uma vez ao longo do texto – é por essa alegria que se reconhecem os santos, já que, “como dizia Léon Bloy, na vida ‘existe apenas uma tristeza: a de não ser santo’” (cf. GE 34).

## 2. Clareando alguns conceitos antes de prosseguir

A história do Ocidente, quando nomeou as grandes atitudes éticas e morais da humanidade, delineou tradicionalmente uma trilogia de modelos ideais: o sábio, o herói e o santo.<sup>1</sup>

O sábio é aquele que alcançou o equilíbrio, associando teoria com práxis e reflexão. Ele cultiva, sobretudo, as virtudes da ordem, da medida, da harmonia e da serenidade. O herói entrega-se ao serviço de uma causa que vai além de si mesmo e o leva a ultrapassar-se continuamente. Distingue-se pela fortaleza de alma, mas também pela magnanimidade e nobreza na escolha de suas posições. O santo é alguém possuído por um desejo infinito da Transcendência que para ele tem um nome: Deus. Ele ou ela segue a sede sempre mais aguda que lhe desperta esse desejo, menos pela busca de uma perfeição moral do que pelo amor de Deus, ao qual quer corresponder com total devoção e esquecimento de si.

Evidentemente, estas distinções são didáticas e pedagógicas. Ajudam, sem dúvida, no entendimento e na clareza. Mas a vida real de um indivíduo pode incluir, em graus diversos, uma mistura destas três categorias, assim como algumas qualidades dos mesmos. É de se notar igualmente que apenas o último termo do trinômio é especificamente religioso. O santo tem sido concebido ao longo dos tempos como aquele ou aquela

---

<sup>1</sup> Cf. A Bareaux, Y. Congar, L. Gardet, F. Mallison, *Encyclopaedia Universalis*, version numérique, voix Sainteté. Ver também: G. Festugière, *La sainteté*, Paris, PUF, 1949.

que realiza em sua própria pessoa e comportamento o ideal de uma religião.

Etimologicamente a raiz da palavra santo ou santidade é complexa. Em latim clássico, *sanctus* (santo) se refere a *sanctio*, *sancire* (sanção, sancionar) e se aproxima de *sacer*, *sacrare* (sagrado, consagrado). Santo é, portanto, aquele que não “pertence” à realidade onde está situado e sim a Outro a Quem obedece. É alguém “sancionado”,<sup>2</sup> separado do profano, reservado pelos deuses. Remete àquilo que é inviolável e que não faz número com as outras coisas e que, por isso, situa-se em uma esfera que o faz não poder ser tratado com mera familiaridade.<sup>3</sup>

Assim, quando uma realidade, uma pessoa humana, um deus são declarados santos, é mais uma questão de separação, de diferença absoluta, de não equiparação às outras coisas, de interdito ritual, do que de uma bondade intrínseca, que provoca veneração ou louvor. A Bíblia judaica e também a cristã adotam este conceito de santidade, sinônimo de alteridade e diferença, feito de pureza, justiça, perfeição – que seduz ao mesmo tempo em que surpreende –, enquanto o paganismo greco-latino chega a isso muito mais lentamente e identifica

<sup>2</sup> Segundo o *Dicionário Houaiss*, a etimologia de sanção é: lat. *sanctio,ónis* “ação de sancionar, sanção”, do rad. de *sanctum* supn. de *sancio, is, sanxi* ou *sancívi, sanctum* ou *sancítum, sancíre* “tornar sagrado ou inviolável; estabelecer solenemente por meio de uma lei; ratificar”. E santo tem a etimologia apontada como: lat. *sanctus, a, um* “que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável”; no lat. ecl. s.m. “bem-aventurado”, do part. de *sancio, is, xi, ctum, círe* “dar, pôr, estabelecer; nomear, criar; ordenar, prescrever, mandar; marcar, designar, consagrar, dedicar, livrar, purificar”; ver *sant-*; f.hist. sXIII *santo*, sXIII *sanctos*, 1391 *sante*, sXIV *sácto*, sXIV *ssâtas*.

<sup>3</sup> Cf. a clássica reflexão de Rudolf Otto sobre o numinoso, “tremendum et fascinans”. In: *O sagrado*, São Leopoldo, Editora Sinodal, 2007.

uma pluralidade de divindades especializadas sem funções que atuam no meio do mundo ou desde um espaço a eles reservado. Não necessariamente, no paganismo greco-latino, as qualidades dos deuses encontram analogia nas virtudes humanas, nem é pensável que os seres humanos possam imitar ou seguir modelos de comportamento desses mesmos deuses. Por outro lado, na visão bíblica, a santidade está diretamente ligada à revelação de Deus, o Santo, na história, embora conserve toda a sua Transcendência. No Cristianismo, como se afirma que Deus mesmo se fez carne, afirma-se que existem seres humanos que podem aproximar-se de maneira muito intensa de Deus, seu ser e sua ação.<sup>4</sup>

Pessoas declaradas santas, canonizadas ou não, propõem um ideal de ser humano composto ao mesmo tempo por uma profunda vida interior, uma liberdade a toda prova e uma preocupação de agir “em favor dos outros”, tornando assim visível o fruto das obras de Deus através de suas pessoas. Sua liberdade independe de condições econômicas e sociais. E é libertadora não apenas no plano espiritual, mas também no social, seja pelas obras e as opções assumidas, seja, eventualmente, pelas rupturas que a elas se seguem ou que a elas se antecipam.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Cf. *Encyclopaedia Universalis*, op. cit. Segundo a Bíblia judaica, só Deus é santo e a ele não se pode ver sem morrer. No Novo Testamento, Jesus Cristo é proclamado o Santo de Deus, ou seja, aquele sobre quem repousa a santidade divina. Com sua morte e ressurreição, é derramado sobre seus seguidores o Espírito Santo, e a santidade então se encontra acessível a todos e todas que vivem como Jesus.

<sup>5</sup> Queremos dizer aqui que alguém pode levar uma vida e adotar uma prática que pode ser qualificada de santa, devido às opções que ele ou ela assume no meio social em que vive e partindo de suas escolhas cotidianas sociais e políticas.

Santidade é vocação e destino pessoal. Resulta menos da execução de um programa ascético-moral do que de uma resposta absoluta e amorosa ao chamado e à vontade de Deus. Eis porque é bastante independente de projeção social ou psiquismo “saudável”: não está fechada ou fora do alcance de sujeitos que padeçam de alguma desgraça ou patologia natural.<sup>6</sup> O desejo e o esforço para responder a Deus engajam o ser humano na busca de uma radicalidade espiritual e moral. E o chamado de Deus é imprevisível, irreduzível às condições globais de vida, tal como os exemplos concretos que santos testemunham.<sup>7</sup> Eis porque as fronteiras entre santidade e loucura são, às vezes, não tão visíveis e perceptíveis.<sup>8</sup>

Isso não significa que esse chamado se dê de forma homogênea e igual através dos espaços e tempos e não ressoe diferentemente em um determinado contexto histórico, social e cultural muito concreto. A resposta da santidade está na maioria das vezes em harmonia com as exigências dos tempos e espaços em que vivem os santos. E, sendo um evento referido a homens e mulheres concretos, é também, sob este ângulo,

---

<sup>6</sup> A psicologia tem sido pródiga em apontar patologias na vida e no comportamento de muitos santos e místicos. Cf. por exemplo: Catherine Clément; S. Khakar, *A louca e o santo*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1997. Assim também Carolyn Walker Bynum, *Holy Feast and Holy Fast*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 1987, ou Denis Vasse, *L'autre du désir ou le Dieu de la foi*, Paris, Seuil, 2010.

<sup>7</sup> Poderíamos citar aqui Charles de Foucauld, que era um nobre militar e acabou sua vida como um solitário ermitão no deserto africano. Ou Benoit Labre, que optou por levar uma vida de mendigo, a fim de testemunhar Jesus e pregar o Evangelho. Entre muitos outros.

<sup>8</sup> Ver, por exemplo, alguns dos personagens de Dostoiévsky, como o Príncipe Pouchkine, de *O idiota*, ou mesmo as palavras de São Paulo sobre a loucura da cruz (cf. 1Cor 1,18ss).

um objeto de estudo histórico, psicológico, sociológico. E, naturalmente, teológico.

O santo é uma pessoa “ex-cêntrica”, uma vez que é sempre Outro quem o guia. Ao mesmo tempo, trata-se de pessoa bem consciente da própria fragilidade. Seu heroísmo consiste em consentir em ser conduzido por esse Outro, de forma que o poder divino se manifeste sobretudo ali onde a humanidade é com maior evidência mais fraca e impotente.<sup>9</sup> Já o afirma o mesmo Paulo de Tarso, ao dizer com inexplicável gozo, em meio a tormentos e tribulações: “Por isso sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte” (2Cor 12,10).

Se define-se cada ato humano como livre e responsável e o ser humano é concebido na modernidade que moldou o pensamento ocidental mais recentemente como alguém que existe porque pensa e se concebe em termos de conhecimento e consciência,<sup>10</sup> o santo parece explodir em pedaços a matriz conceitual dessa definição. Seu conhecimento é revertido pela entrega amorosa ao Outro que o conhece e o ama. Experimentando-se conhecido e amado, entrega-se inteiramente a este Outro, por cujas mãos se deixa levar. E é então que começa a acontecer uma nova forma de conhecimento, de ciência. O santo conhece “ignorantemente”, “amorosamente”. Na verdade, “aprende” cada passo a ser dado, na medida em que se aprofunda na aventura do amor que lhe “ensina”.<sup>11</sup> Os frutos

---

<sup>9</sup> Ver sobre isto: G. Mathon, Sainteté. In: *Catholicisme hier, aujourd'hui et demain* 61 (1992), p. 704. Ver igualmente A. J. Festugière, *La Sainteté*, op. cit.

<sup>10</sup> Cf. o célebre “cogito” cartesiano: “Penso logo existo”.

<sup>11</sup> Cf. o adulto militar e nobre Inácio de Loyola, que constata que Deus o conduz “como um mestre-escola a um menino”. *Autobiografia*, n. 27.

de sua ação então nascem em misteriosa imprevisibilidade. E são configurados como certeza de não saber, de não possuir nenhum poder sobre sua própria prática e comportamento. A única coisa que “sabe” é que não é possível não ser o que é e não fazer o que faz, porque essa é a vontade de Deus. Veja-se sobre isso, entre outros, o apaixonado Paulo de Tarso, que clamava cheio de desejo e consolação: “Ai de mim se eu não evangelizar” (1Cor 9,16).

A despeito do fato de que as hagiografias tradicionais enfatizem a ascese implacável, as terríveis penitências e o exercício das virtudes morais em nível heroico nas vidas dos santos, é importante não perder de vista duas coisas: a primeira é que a santidade não é uma *performance* ou um campeonato pelo qual se espera ganhar um prêmio ou uma medalha. Ao contrário, ela se verifica na capacidade de humilde e fielmente realizar as pequenas exigências do cotidiano com amor e paciência; a segunda é o fato de que a grandeza e a autenticidade do santo não dependem tanto de reconhecimento social ou mesmo eclesial. Está situada em um horizonte maior: o Mistério do ser divino, experimentado sempre em uma maneira original e nova, que é como um fogo que a tudo consome. Nesse sentido, há muitos santos não canonizados pela Igreja, santos sem coroa nem capela, mas que viveram radicalmente a entrega a Deus e a missão a eles e elas confiada por Deus fora dos limites institucionais da Igreja.

Amigo de Deus e amigo da vida, o santo mostra a possibilidade de viver a “intimidade com Deus” voltado em amorosa misericórdia para o mundo e a humanidade. Aqueles que fazem a experiência de ser encontrados e “ensinados” por Deus, acederão a um nível diferente de conhecimento que os levará a

uma vida diferente e transformada, em adequação às necessidades de cada tempo e lugar.<sup>12</sup>

Veremos que o Papa Francisco, em sua exortação, seguirá essa linha que conecta o santo não só vertical e interiormente (com Deus e seu Espírito, que o habita e lhe concede experiências espirituais consoladoras e de plenitude) mas horizontalmente (com os irmãos), aos quais é levado a amar e servir impulsionado pelo mesmo Espírito do mesmo Deus.

---

<sup>12</sup> Citamos aqui Simone Weil em: *Attente de Dieu*, édition numérique, Saguenay, 2007, p 62: “Hoje não é ainda nada ser um santo, é necessária a santidade que o momento presente exige, uma santidade nova, ela também sem precedente”.